

Da Idade Média aos dias atuais
Da Teologia a Psicologia Analítica
Do Sexo dos Anjos ao Sexo dos Arquétipos

Em Setembro de 2000, tivemos a oportunidade de estar em BH no VIII Simpósio da AJB, sobre Mitologias.

Numa palestra proferida por um eminente analista junguiano inglês, autor de vários livros, houve um problema qualquer no aparelho individual da tradução simultânea de um dos membros da mesa. Uma jovem entrou para trocá-lo. Gentilmente o palestrante fez uma pausa em sua fala para logo depois brindar-nos com a seguinte pérola:

Eis que chega Hermes, só que em forma de mulher!

Há duas semanas, recebi uma aluna para orientação da sua monografia de conclusão de um curso de pós graduação em psicologia analítica, desejosa de fazer um trabalho sobre a questão do feminino. Havia ficado absolutamente decepcionada com seu orientador oficial [da Universidade], desde que este lhe deu uma extensa bibliografia sobre a questão dos arquétipos do tipo: *As deusas e a mulher, Nova Psicologia das Mulheres*, de Jean S. Bolen.

Até quando teremos que nos defrontar com absurdos desse naipe???

Arquétipos, segundo nos ensina Jung, são estruturas do Inconsciente Coletivo, compartilhadas **por toda a humanidade**; e os deuses da mitologia os representam como suas figurações ou imagens arquetípicas. Não me consta que nem o próprio Jung, nem nenhum pós junguiano, tenha dividido esta humanidade em dois gêneros: masculino e feminino.

Será que ainda hoje, à moda dos teólogos medievais, teremos que nos sentar para debater não mais o sexo dos anjos mas sim o dos arquétipos?

Perguntamo-nos se os inúmeros autores de obras cujo cunho não divergem em muito das já citadas da Dra. Bölen, ainda não pararam para refletir sobre a **realidade** da universalidade do arquétipo?

Por certo não podemos desprezar e, sequer seria esta nossa intenção, a questão do inconsciente pessoal que interpondo-se entre o complexo em si e a formação da imagem arquetípica, faz com que a questão de gênero obviamente torne-se relevante - os dados culturais são inegáveis e irrefutáveis. Contudo o que

pretendemos abordar nesse pequeno trabalho é algo que se por um lado nos transcende [o inconsciente coletivo], por outro está bem aqui, no nosso linguajar cotidiano, que flui tal qual um ato falho, demonstrando o que realmente estamos pensando/sentindo.

Em verdade, o que estamos escrevendo não é sequer um trabalho. É apenas uma advertência - Um alerta!

Nossa suposição é: Ainda que teoricamente saibamos que o coletivo é coletivo [tautologia suprema], não conseguimos vivenciar isso em nossas vidas. Acreditando nisto, não nos resta outra opção do que continuar questionando até que ponto essa não vivência interna influenciaria nossas atitudes enquanto atuamos no *vas hermeticum*; as quatro paredes do nosso espaço terapêutico? E quando, além disso, desempenhamos também a função de professores, de **formadores** de novos analistas?

Não conseguimos imaginar um(a) analista que independente de seu sexo biológico, não carregue dentro de si profundamente ativados o curador ferido Quirão, que embora meio animal e meio homem, é seguramente uma imagem masculina, assim como Hermes, o Trimegisto [A deusa Íris não nos serviria aqui, já que está limitada aos níveis telúrico e urânico], tanto quanto Perséfone, Hécate e Afrodite imagens femininas por excelência, e isso para ficar apenas nos mais evidentes. Se nossa própria profissão implica necessariamente na ativação interna de "arquétipos dos dois gêneros" [e isso é seguramente uma brincadeira], por que em nosso dia a dia, teimamos em dividi-los em duas categorias?

Será que os analistas homens constelariam mais Quirão e Hermes, enquanto às analistas mulheres, restariam Perséfone, Hécate e Afrodite? Se tal fato se constituísse numa verdade, não seria ela contrária a postulação de processo de individuação? E ainda mais, onde ficaria, nesse conjunto, a questão da análise do analista?

Todo esse discurso poderia ser tomado como uma grande piada que nos fizesse rir à bandeiras despregadas, no entanto os dois pequenos grandes fatos que contamos de início [cujos protagonistas não serão citados por questão de ética] e inúmeros outros de que temos notícias, além da mesma situação esdrúxula encontrada em um sem número de obras de inspiração junguiana, causam-nos antes pavor.

Aos alunos dos nossos grupos de estudo, deixamos sempre bastante claro que os arquétipos são universais, coletivos mesmo. E temos tido o cuidado de redigir apostilas enfatizando tal fato e advertindo aos nossos atuais alunos e futuros colegas, que não nos deixemos jamais cair na tendência falaciosa de que *as deusas estão na mulher e os deuses nos homens*. Falácia que já têm pego tantos bons autores.

Não acreditamos ser necessário trazer aqui nenhuma citação que corroborasse o que estamos afirmando, afinal, teoricamente, todos conhecemos a obra de Jung. Nosso desejo com esse alerta, é provocar uma profunda reflexão em cada um de nós, analistas junguianos, acerca do como temos **vívido** a questão dos arquétipos.

Via de regra consideramos a discussão medieval a respeito do sexo dos anjos, no mínimo, estéril. No entanto, para a teologia daqueles tempos idos, deveria constituir-se em alguma "necessidade". Agora, ainda que lamentando profundamente, encontramos sentido e significado para abrir a "sessão" e colocar na ata de discussões - o "*Sexo dos Arquétipos*".

Maria de Lourdes de Campos Ribeiro

CRP-05/5195